

## **Apresentação do dossiê:**

### **Quantos mares cabem no *Mar Paraguayo*?**

Débora Cota (UNILA)

Rita Lenira Bitencourt (UFRGS)

Em 2022, completam-se trinta anos da publicação de *Mar Paraguayo* de Wilson Bueno, obra “acontecimento” como evoca Néstor Perlongher já que consegue construir um “lugar no qual ficará para sempre”. O lugar construído pelo livro, se é possível demarcá-lo, se estabelece por *continuums* naturais que podem ser observados entre as culturas brasileiras e paraguaias ou entre a oralidade e a escrita, ou ainda entre a prosa e a poesia, ou seja, entre elementos comumente entendidos como díspares.

Se o Paraguai metaforicamente é pensado pelos seus próprios críticos e escritores como uma ilha rodeada de terra, no livro de Bueno ele qualifica um mar e assim designa um movimento incessante e persistente de aproximação a este país, movimento que se espalha por outras obras do autor. Como um mar, o livro carrega consigo múltiplos autores, como Paulo Leminski, Jorge Canese, Douglas Diegues, Joca Reiners Terron, Ricardo Corona, ou o já citado Néstor Perlongher, assim como permite múltiplas leituras: já foi e continua sendo lido sob o signo da “estética neobarroca”; como lugar de acolhimento desta “língua menor”, o portunhol; ou como obra “translínque”, entre outras abordagens.

Em seus trinta anos, lançamos estas perguntas para voltar a pensar esta obra: o que a mantém em cena? Que outros autores continuam a dar movimento ao mar paraguayo? Como está sendo lida? De que modo ainda intervém nesta chamada “literatura latino-americana”? Que redes se estabelecem a partir dela? Que relações promove entre Brasil e Paraguai?

Esta é a proposição que elaboramos para a revista *Frontería* a fim de acolher textos que pudessem atualizar as leituras desta obra paradigmática e, de alguma forma, homenagear Wilson Bueno (1949-2010) e os 30 anos de publicação de *Mar Paraguayo*. Nossa proposta, se encontrou com a feliz reedição do livro pela Iluminuras. Sob organização de Douglas Diegues e Adalberto Müller, a edição crítica traz a revisão da apresentação que Nestor Perlongher escreveu, realizada a partir do cotejamento com o datiloscrito original. Além disso, contém os textos críticos presentes nas edições argentina e chilena. Edições que, conforme Diegues, são raras já que são republicações que, devido a escrita do livro em língua fronteiriça, foram publicadas nesses países sem a necessidade de passarem por tradução ou por qualquer outro tipo de intervenção.

Os cinco artigos e as entrevistas que compõem o dossiê demonstram a importância da publicação na atualidade, como obra que desafia pressupostos linguísticos, de organização da narrativa, assim como coloca em discussão perspectivas sociais e culturais, em torno de estudos a respeito da noção de novela menor, da condição feminina, da importância da memória na aproximação ao presente. Seja por voltar a transitar entre leitores em sua nova edição, seja pela continuidade da pesquisa em torno dela, a proposta da novela marafa e o nome de Wilson Bueno seguem buscando o reconhecimento devido, que atravessa as fronteiras e as desestabiliza.

Valendo-se de pressupostos linguísticos e da cibernética o artigo *Overclock paraguayo: a cibernética de Wilson Bueno em Mar Paraguayo*, de Guilherme Conde Moura Pereira, analisa no *portuñari* de Wilson Bueno, ou como ele mesmo denomina, “vórtice de detritos linguísticos”: o funcionamento do português, espanhol, portunhol e guarani. Para o autor, a junção dos idiomas ocorre via um circuito de retroalimentação interligado aos quatro sistemas linguísticos que leva a um *overclock*. Este último termo designa, na ciberbenética, o aumento da performance do sistema do computador - considerado, no livro, como o sistema do *portuñari* - a ponto de acarretar um “superaquecimento informacional”. Assim, uma vez estabelecido o *overclock*, o sistema precisa ser cessado abruptamente e reiniciado. Desse modo, o que parece ser um circuito desorganizado de escrita do autor, revela organização e procedimentos definidos.

Em *Las ediciones de Mar Paraguayo y el lenguaje del contrabando*, de Wilson Bueno encontra-se também uma discussão acerca do arranjo linguístico entre português, espanhol e guarani, seja o aproximando ao portunhol selvagem de Douglas Diegues, seja o considerando desde perspectivas linguísticas ou da análise do discurso. Mas, no estudo de Jorgelina Ivana Tallei e Ana Elisa Ribeiro também são destacados dois outros elementos que entram em jogo na configuração deste arranjo: a edição da obra e a voz narrativa do personagem feminino, ou mesmo a constituição do feminino. Estes elementos se juntam na construção da proposta da língua contrabando, da língua transgressão, da “língua serpente”.

Discutir o gênero e cotejar algumas edições de *Mar Paraguayo* é o que realiza Nadia Nelziza Lovera de Florentino no texto *Paraîpîeté – um abismo de águas fronteiriças: o percurso de Mar paraguayo*, de Wilson Bueno e seu trânsito entre as fronteiras geográficas, literárias e culturais. Desse modo, são visitados o excerto publicado em 1987 no suplemento cultural *Nicolau*, quando o livro ainda estava sendo gestado; a primeira edição brasileira de 1992, publicada pela Iluminuras; e a edição argentina de 2005. Além disso, são comentadas as edições chilena e mexicana e o uso do *frenglish* na tradução ao inglês. Com relação ao gênero, o estudo demonstra o trânsito do livro entre a poesia e a prosa.

Em *Mar Paraguayo: o caso da novela menor contrabandista*, Rita Lenira Bitencourt visualiza no livro dimensões de uma “poética limiar”, que passam pelo estudo do espaço, da escrita, dos delitos, da própria gênese da obra, que é multifacetada e aberta. Tais dimensões são visitadas para evidenciar sua constituição como uma “novela menor contrabandista”, como aquela que remete às dinâmicas linguísticas das fronteiras e que guarda nesse uso menor, mas intenso, um caráter de subversão.

Por fim, o texto de José Francisco Moreira Gularte busca destacar os sentidos da memória em uma narrativa chave da produção de Wilson Bueno, *Meu tio Roseno, a cavalo*. Considera assim algumas proposições teóricas em torno da memória, como por exemplo os trabalhos de Halbwachs, Bergson, Candou, entre outros. Em *Meu tio Roseno, a cavalo*, uma viagem pelos entrecéus da memória, é estudado o trabalho singular do narrador em relação às memórias do Tio Roseno: ele as toma como suas, tenta compreender o presente e simultaneamente reedita e questiona o passado. A memória é, portanto, apresentada como chave nas relações entre o personagem, a família, a comunidade e a nação.

Fecham o dossiê, 4 entrevistas realizadas por Ana Gabriella de Mello Aires a Jorge Kanese, Douglas Diegues, Jussara Salazar e Ricardo Corona, respectivamente. Os diálogos giram em torno da relação destes escritores com Wilson Bueno, a recepção de *Mar Paraguayo*, as comemorações do aniversário de publicação e as reverberações da obra trinta anos depois.